

Cadernos Barão de Arêde

N.º 3

Revista do
Centro de
Estudos
de Genealogia
e Heráldica
Barão de Arêde
Coelho

Janeiro-Março 2015





CENTRO DE ESTUDOS DE GENEALOGIA E HERÁLDICA BARÃO DE ARÊDE COELHO

PRESIDENTE – Luís Soveral Varella, *Barão de Arêde Coelho*

SECRETÁRIO – Óscar Caeiro Pinto

| 1

EDIÇÃO E PROPRIEDADE – Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica Barão de Arêde Coelho

ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO – Luís Soveral Varella e Óscar Caeiro Pinto

COLABORADORES NESTE NÚMERO:

Daniel Estudante Protásio

David Fernandes Silva

Francisco Montanha Rebelo

José Manuel Martins Ferreira Coelho

José Maria Simões dos Santos

Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes

Luís Soveral Varella

Nuno de Campos Inácio

Óscar Caeiro Pinto

INPI - 533081

ISSN – 2183-3672

Revista trimestral de edição digital, N.º 2 – Outubro-Dezembro 2014

www.aredede.eu

info@aredede.eu

Os artigos publicados são da inteira responsabilidade dos seus Autores que seguem ou não o acordo ortográfico conforme melhor entendem.

Sumário	2
Editorial – <i>por Luís Soveral Varella</i>	3
Histórias da História	
Alonso Gomes & C. ^a , a actividade mineira e a navegação a vapor entre Mértola e Vila Real de S. ^{to} António e entre Lisboa e os portos do Algarve (1870-1905) – <i>por Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes</i>	5
O 2º Visconde de Santarém, a tradição Portuguesa de estudos geográficos e cartográficos e a Sociedade de Geografia de Lisboa (1903-1909) – <i>por Daniel Estudante Protásio</i>	64
Do Pecado Carnal ao Matrimónio Estabelecido, Reflexões da “Sexologia Escondida” nos períodos Medievais e Neo-Renascentistas – <i>por José Manuel Martins Ferreira Coelho</i>	73
A Arte Milenar da Armaria – A História de uma Espada do Rei Dom António – <i>por Luís Soveral Varella</i>	89
Genealogia	
D. Frei Gonçalo de Sousa, Comendador-Mor da Ordem de Cristo – <i>por José Maria Simões dos Santos</i>	98
Registos Paroquiais de Cartagena, Murcia – <i>por Francisco Montanha Rebelo</i>	131
A Ligação Genealógica dos Tenreiro ao termo de Fornos de Algodres – <i>por Óscar Caeiro Pinto</i>	182
Levantamento dos Casamentos de Alcantarilha – <i>por Nuno de Campos Inácio</i>	200
Os Heredia – <i>por Luís Soveral Varella (Continuação)</i>	212
Heráldica e Ex-Librística	
Esboços, Esbocetos, Bonecos e Heráldica e Sinais, da autoria de <i>David Fernandes Silva</i>	265
Notícias	267

O 2º VISCONDE DE SANTARÉM, A TRADIÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS E CARTOGRÁFICOS E A SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA (1903-1909)¹

por Daniel Estudante Protásio⁽²⁾

Sumário

A presente comunicação pretende comprovar como a obra do 2º Visconde de Santarém estabeleceu uma ponte entre a tradição portuguesa de estudos geográficos e cartográficos, alimentada pela Academia das Ciências de Lisboa, sobretudo a partir de 1812, a Sociedade de Geografia de Paris, a partir de 1835 e a Sociedade de Geografia de Lisboa, desde a sua criação em 1875. Já no século XX, alguns sócios desta última instituição, como Martinho Augusto Ferreira da Fonseca, Vicente Almeida d'Eça, o 3º Visconde de Santarém, Jordão de Freitas e António Baião, aprofundaram e divulgaram o conhecimento sobre a obra do 2º Visconde de uma forma indelével e única, que importa salientar e comemorar, mais de cem anos passados.

Num século XIX em que não existia uma Sociedade das Nações ou uma Organização das Nações Unidas, mas apenas congressos temporários como os que ocorreram em Viena e Berlim, um pouco por todo o mundo ocidental as academias de ciências e as sociedades de geografia serviam de agências não-governamentais para esclarecimento das secretarias de estado ou ministérios do ultramar, das colónias ou da marinha. Alguns dos geógrafos, hidrógrafos e cartólogos que se destacavam naquelas academias e sociedades eram (também eles) viajantes, exploradores, diplomatas ou ministros de Estado, como sucedeu com o prussiano barão Alexander von Humboldt, com o espanhol Martín Fernández de Navarrete e com o português 2º Visconde de Santarém.

Sem tais centros de debate, investigação e publicação de textos analíticos e documentais, os expansionismos ultramarinos da Grã-Bretanha, da França, da Prússia (futura Alemanha) e de Portugal provavelmente nunca poderiam ter assumido a pujança e o dinamismo que conheceram, no período de 1830 a 1945 e mesmo mais tarde. O que começou por tímidos impulsos, por vezes isolados, de autores da portuguesa Academia das Ciências de Lisboa e de outras instituições ganhou um vigor extraordinário com as sociedades geográficas de Paris, Londres, Berlim, São Petersburgo e, mais tarde, também a de Lisboa.

¹ Comunicação proferida no âmbito da Comissão de Estudos Côte-Real, no Auditório Adriano Moreira da Sociedade de Geografia de Lisboa, a 13 de Fevereiro de 2014. O autor quer agradecer a preciosa colaboração da Dr.^a Helena Grego, da Biblioteca da Sociedade, na localização de alguns espécimes bibliográficos aí existentes com prazos verdadeiramente apertados, o que se revelou decisivo para a conclusão atempada do presente artigo.

² CEIS20/Universidade de Coimbra-bolseiro de pós-doutoramento FCT.



Quando o futuro 2º Visconde de Santarém iniciava, na primeira e segunda décadas do século XIX, os seus estudos de história das cortes tradicionais e de história diplomática, no Rio de Janeiro, do outro lado do Atlântico o historiador António Ribeiro dos Santos publicava, na Lisboa de 1812, trabalhos sobre os descobrimentos portugueses e sobre a cartografia subsequente. Num catálogo publicado duzentos anos depois, em 2012, Francisco Roque de Oliveira e outros autores descreveram e problematizaram o encadeamento de uma série de figuras centrais de historiadores da cartografia portuguesa, começando por António Ribeiro dos Santos e Visconde de Santarém, passando pelos almirantes Ernesto de Vasconcelos e Gago Coutinho e terminando com Luís de Albuquerque e Avelino Teixeira da Mota. Com o título e subtítulo *Leitores de mapas: dois séculos de história da cartografia em Portugal* ⁽³⁾, o dito catálogo explica-nos como os estudos geográficos e cartográficos evoluíram antes e depois da fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1875, no reinado de D. Luís.

Tal como a tradição de estudos históricos e documentais conheceu diversas fases em Portugal, desde o Renascimento e o século XVII até à fundação da Academia da História e da Academia das Ciências de Lisboa no século XVIII, para alcançar um apogeu com Alexandre Herculano ⁽⁴⁾, também a tradição de estudos geográficos e cartográficos se desenvolveu de forma empírica e descontinuada até diversas circunstâncias conduzirem o Visconde de Santarém a interessar-se pela temática das viagens de Américo Vespúcio ao Novo Mundo, publicando no *Boletim* da Sociedade de Geografia de Paris diversos textos sobre essa questão, entre 1835 e 1837. Já conhecido do mundo intelectual e político europeu pelo seu percurso anterior de ministro do Reino, da Marinha e Ultramar e dos Negócios Estrangeiros de D. Pedro IV e de D. Miguel I e, sobretudo, pelos seus estudos dos documentos diplomáticos e das cortes tradicionais portuguesas, o Visconde de Santarém dedica-se então à geografia e à cartografia, publicando obras que ainda hoje o distinguem como um marco na história daquelas duas ciências e numa disciplina afim, a da cosmografia ⁽⁵⁾. Refiram-se obras publicadas em francês como as *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte occidentale de l'Afrique...*, as várias tiragens dos *Atlas* e os três volumes do *Éssai sur l'histoire de la cosmographie et de la cartographie...* Quando Santarém define, em carta para o

³ Francisco Roque de Oliveira (coord.), *Leitores de mapas. Dois séculos de história da cartografia em Portugal*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Geográficos/Universidade de Lisboa e Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, 2012, 191 pp.

⁴ Daniel Estudante Protásio, «O 2º Visconde de Santarém e a tradição documental portuguesa (1817-1846)», em Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João (org.), *Historiografia e Memória (séculos XIX-XXI)*, Lisboa, Centro de História/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/Universidade Aberta, 2012, pp. 251-262.

⁵ Idem, *Pensamento histórico e ação política do 2º Visconde de Santarém (1809-1855)*, Lisboa, Bubok Editorial, Março de 2014, 336 páginas (ISBN Digital 978-84-686-4921-4).



historiador luso-brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen, datada de 8 de Dezembro de 1839, o conceito de cartografia, trata-se de um momento mítico, criador de uma ciência nova, de fundamentação científica de uma disciplina cujo campo de estudos é tão antigo quanto o homem. Que tal tenha ocorrido na língua portuguesa e envolvendo um português é um facto importante na história da ciência humana e na da ciência nacional ⁽⁶⁾.

Porém, como é lógico e natural no caso de um autor que vive e morre no exílio e de um português que trabalha praticamente sem assistentes/discípulos seus conterrâneos ou cujo labor não é enquadrado numa instituição universitária, para além de longe da família ⁽⁷⁾, o legado e o exemplo do Visconde de Santarém perdem-se momentaneamente, para as gerações mais imediatas. Não são proferidos, tanto quanto se sabe, elogios fúnebres em várias das sociedades intelectuais mais ilustres de que fazia parte, como a Sociedade de Geografia de Paris, a Academia das Belas-Letras e Inscrições do Instituto de França, a Sociedade de Etnologia de Paris ou na Academia das Ciências de Lisboa. A sua livreria pessoal – a terceira que tivera – é vendida em leilão, organizado pelo célebre Inocêncio Francisco da Silva, em Lisboa. Dos volumes do *Quadro Elementar...*, do *Corpo Diplomático...*, do *Éssai...* que se pensa que estariam praticamente prontos, só são publicados tomos do primeiro título, mas amputados da abrangência cronológica pensada por Santarém, em edições de 1858 a 1876, pela depositária dessa parte do espólio, a Academia das Ciências.

Não será, porém, ao contrário do que inicialmente se poderia pensar, a Academia das Ciências de Lisboa a prosseguir o legado e o estudo geográfico e cartográfico a que o Visconde de Santarém dedicara os últimos vinte anos da sua vida. Será, sim, a Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), fundada em 1875 sob o patrocínio do rei D. Luís. Num momento simbólico de passagem, nesse palácio das Tulherias que hoje não existe, em 1855, o decano Visconde de Santarém conhece dois jovens estudiosos, filhos de D. Fernando II, o rei D. Pedro V e o então infante D. Luís. D. Pedro V irá fundar o Curso Superior de Letras como alternativa à vetusta Universidade de Coimbra e como tentativa de institucionalização do legado de Alexandre Herculano e dos seus companheiros e discípulos, na demanda historiográfica do passado português. Por seu lado, D. Luís patrocina a fundação da Sociedade de Geografia, a qual surge como o resultado de uma necessidade histórica sentida em Portugal desde pelo menos a polémica de Casamansa, a partir de 1836: a de uma instituição que estude a geografia, a hidrografia e a etnografia dos territórios africanos, como forma de os colonizar e ocupar de modo racional e eficiente. Na ausência de estudos geográficos, ultramarinos, cartográficos e etnográficos dedicados sobretudo a África,

⁶ Idem, «Francisco Adolfo de Varnhagen e algumas linhas de força da historiografia portuguesa da sua época (1839-1841)», *História da Historiografia*, n.º 14, Ouro Preto (Brasil), Maio de 2014, pp. 27-43, disponível in <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/669>.

⁷ Com a excepção da presença de uma irmã e de um dos filhos, o 2.º Visconde de Vila Nova da Rainha.

que fossem mantidos pela Universidade de Coimbra, pelo Curso Superior de Letras ou pela Academia das Ciências, os sócios fundadores da SGL procuraram retomar essa antiga tradição erudita dedicada à geografia e cartografia que António Ribeiro dos Santos e o Visconde de Santarém haviam alimentado e desenvolvido. O Professor Aires-Bairros, em artigo do *Boletim* da SGL dedicado ao ano de 2011, explicou-nos a conjuntura internacional e nacional dessa fundação, que todos conhecemos nos seus pormenores mais gerais ⁽⁸⁾. Remeto, naturalmente, os interessados para a leitura desse artigo.

Quase trinta anos após a fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1903-1909, uma série de acontecimentos aparentemente desconexos vão relacionar a SGL com a vida e obra do 2º Visconde de Santarém. Em 1903 é publicado um pequeno estudo de Martinho Augusto Ferreira da Fonseca intitulado *O Atlas do Visconde de Santarém. Breves notas para a sua vida*, que fora apresentado à SGL. Constituído por sete singelas páginas de texto, apresenta ainda o especial interesse de descrever a lista de 200 monumentos incluídos na tiragem de 1849 do *Atlas* e uma inventariação das personalidades e instituições que receberam exemplares dessa colecção cartográfica ⁽⁹⁾. Martinho Augusto Ferreira da Fonseca era membro da Sociedade de Geografia de Lisboa desde 1891 ⁽¹⁰⁾, movimentando-se sobretudo na área da bibliofilia e da bibliografia e sendo possuidor de um exemplar dos míticos *Atlas* do Visconde de Santarém. Ele próprio informar-nos-á, anos depois, de que o texto *O Atlas do Visconde de Santarém. Breves notas para a sua vida* fora anteriormente publicado na *Revista Portuguesa Colonial e Marítima* (volume 13º) e integrado no *Boletim da SGL* desse ano de 1903 ⁽¹¹⁾. Como veremos mais adiante, Martinho Augusto Ferreira da Fonseca esteve também directamente ligado à exposição de cartografia nacional que foi organizada na SGL e que abriu as suas portas ao público a 2 de Dezembro de 1903.

Foi outro monarca amante da ciência e da cultura, o filho de D. Luís, o rei D. Carlos, quem, com a sua presença na exposição de 1903-1904 da SGL dedicada à cartografia ⁽¹²⁾, chamou de novo a atenção para a obra do Visconde de Santarém,

⁸ Luís Aires-Barros, «D. Luís, o fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa (1839-1899)», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 129ª, n.ºs 1-12, Janeiro-Dezembro de 2011, pp. 15-16.

⁹ Constituiria talvez um exercício interessante comparar quantos desses exemplares ainda se encontram hoje na posse dos herdeiros ou das instituições mencionadas.

¹⁰ *Lista de sócios em 31 de Dezembro de 1909*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1910, p. 20.

¹¹ Martinho Augusto Ferreira da Fonseca, *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico Português de Inocêncio Francisco da Silva por...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1972 (reedição fac-similada da edição de 1927), p. 315.

¹² Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904), catálogo sob a direcção de...*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1904, pp. XII e XXII-XXIII, indica a data de 2 de Dezembro de 1903 como a da inauguração, marcada pela visita dos reis à exposição. Os *Atlas* do Visconde de Santarém são referidos a pp. 62 e 63, com os números 107 e 108 (exemplares das edições de 1842 e 1849). Somos informados, na p. XXIV, de que um dos *Atlas* esteve exposto na Sala Índia.



quase cinquenta anos depois da sua morte. Organizada por Ernesto de Vasconcelos, o secretário-geral perpétuo da SGL a quem o último *Boletim* publicado, relativo ao ano de 2012, dedica um extenso artigo ⁽¹³⁾, a dita exposição parece ter contribuído fortemente, no final da monarquia, para que de novo se estudasse a vida e obra de Santarém. Mais tarde, Martinho Augusto Ferreira da Fonseca não só recebeu um diploma de medalha de prata pelo seu exemplar do *Atlas* de Santarém que foi exibido, mas recusou a comenda régia de Nosso Senhor Jesus Cristo, com que foi agraciado, por razões desconhecidas ⁽¹⁴⁾. O estudo inicial de 1903 de Ferreira da Fonseca e a disponibilização desse espécime cartográfico parecem, pois, ter desencadeado um enorme interesse e um consequente movimento de redescoberta da vida e obra do Visconde de Santarém, por parte de sócios da instituição. Foi o que sucedeu com Vicente Maria de Moura Coutinho Almeida d'Eça, sócio desde 1883 ⁽¹⁵⁾, futuro almirante e presidente da Sociedade de Geografia. É pela sua mão e com a chancela da SGL que são publicadas em 1906 ⁽¹⁶⁾ algumas cartas inéditas do Visconde, entre as quais a célebre missiva para Varnhagen acima referida ⁽¹⁷⁾. Tão procurado e celebrado se torna este volume editado por Almeida d'Eça, que, apesar de integrada nos monumentais volumes da correspondência do Visconde de Santarém organizados por Rocha Martins, os especialistas, quando mencionam a dita carta de 1839, invariavelmente remetem para a obra publicada de 1906. É o que sucede com José Manuel Garcia quando se refere aos *Tesouros da Cartografia da SGL* e a João Carlos Garcia, em 2006, quando coordena, na Biblioteca Nacional de Portugal, a exposição e o catálogo *O 2º Visconde de Santarém e a História da Cartografia* ⁽¹⁸⁾.

Também pela mão do então vice-presidente da SGL Vicente Almeida d'Eça é proferida uma oração lida em sessão solene de 14 de Janeiro de 1907, com o título *A obra científica do Visconde de Santarém*, oração essa que assinala o momento em que a instituição é presenteada com o quadro que representa, na velhice, o 2º Visconde de Santarém e que ainda hoje está exposto na Biblioteca da Sociedade. A oferta deveu-se

¹³ Luís Aires-Barros, «Almirante Ernesto de Vasconcelos (1852-1930): marinheiro, geógrafo, diplomata e secretário perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 130ª, n.ºs 1-12, Janeiro-Dezembro de 2012, pp. 9-23. Francisco Roque de Oliveira, «Dois séculos de história da cartografia em Portugal», *Op. Cit.*, p. 16, menciona o papel de Ernesto de Vasconcelos como organizador da Exposição de Cartografia Nacional.

¹⁴ Ernesto de Vasconcelos, *Op. Cit.*, p. XXXIII e Martinho Augusto Ferreira da Fonseca, *Ibidem*.

¹⁵ *Lista de sócios em 31 de Dezembro de 1909*, *Op. Cit.*, p. 17.

¹⁶ Note-se, porém, que a «Breve introdução», a p. 9, está datada «Natal de 1904».

¹⁷ Volume constituído por 123 páginas, mais índice. A carta para Varnhagen está reproduzida a pp. 25 a 30.

¹⁸ José Manuel Garcia, «Da invenção da palavra cartografia ao CD-ROM dos Tesouros de Cartografia da Sociedade de Geografia de Lisboa», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 121ª, n.ºs 1-12, Janeiro-Dezembro de 2003, p. 127 e João Carlos Garcia (coord.), «Mapas e Atlas do Visconde de Santarém. A prioridade no descobrimento da África Ocidental», *O 2º Visconde de Santarém e a História da Cartografia*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2006, p. 7, n. 2.



ao 3º Visconde de Santarém, neto do 2º Visconde e também ele (desde 1903) membro da instituição (¹⁹). É significativo que – mais uma vez – estivessem então presentes D. Carlos e D. Amélia (²⁰), nesta ocasião, a um ano do regicídio. Chega a ser impresso um opúsculo com o título *A sessão solene de 14 de Janeiro de 1907. Salvador Correia e Visconde de Santarém*, no qual são reproduzidos quatro documentos: o programa da sessão solene; o discurso do presidente da SGL (Ferreira do Amaral); a notícia histórica sobre Salvador Correia de Sá e Benevides, cujo retrato também era então inaugurado na Sala *Portugal*; e, por fim, o texto de Almeida d'Eça sobre o Visconde de Santarém (²¹). Nessa altura (1907) Martinho Augusto Ferreira da Fonseca volta a publicar um opúsculo, agora com o título *Visconde de Santarém. Apontamentos para a sua biografia*, em que, para além de incluir um retrato do homenageado, relata alguns saborosos episódios da vida do Visconde, nomeadamente, o da sua apresentação a D. Pedro V por Napoleão III, imperador dos franceses (²²).

É, pois, legítimo afirmar que sem os textos e contribuições de sócios e não-sócios da SGL, para os dois eventos ocorridos na instituição, em 1903 e 1907, o conhecimento actual sobre a vida e obra do 2º Visconde de Santarém não seria o mesmo. Foi com base nesse reacender do interesse pela obra do Visconde de Santarém que figuras como Jordão de Freitas, António Baião e Rocha Martins, nos anos de 1909 a 1919, levaram mais longe ainda a investigação iniciada na SGL. Os dois primeiros, note-se, também foram sócios da Sociedade de Geografia, Freitas desde 1902 – embora não se intitule como tal nas suas obras – e Baião mais tarde, em 1921 (²³). Sucede como que um momento de passagem de testemunho quando, em Dezembro de 1909, no *Boletim*, Almeida d'Eça procede a uma recensão da obra de Jordão de Freitas *O 2º Visconde de Santarém e os seus Atlas geográficos* em que tece uma série de interessantes considerações sobre o que considera ser uma «conspiração do silêncio» à volta do Visconde, mais do que mencionar os méritos da obra que se propunha comentar (²⁴). A partir de então, aparentemente, o ímpeto de análise da vida e obra desta figura do século XIX é retomado fora da SGL, sobretudo nas décadas de

¹⁹ *Lista de sócios em 31 de Dezembro de 1909, Op. Cit.*, p. 43.

²⁰ Vicente Maria de Moura Coutinho Almeida d'Eça, *A obra científica do Visconde de Santarém*, Lisboa, Tipografia Universal, 1907, 24 pp. As referências à oferta do quadro e à presença do rei e da rainha são feitas a pp. 6 e 7.

²¹ Volume de 58 pp., 1907.

²² O próprio Ferreira da Fonseca revela-nos que recusa então uma segunda comenda, agora a de Santiago, por ocasião da dupla sessão comemorativa, de que se afirma «iniciador» (Martinho Augusto Ferreira da Fonseca, *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico Português...*, *Op. Cit.*, p. 315 e Idem, *Visconde de Santarém. Apontamentos para a sua biografia*, Lisboa, Tipografia do Anuário Comercial, 1907, p. 15).

²³ *Lista de sócios em 31 de Dezembro de 1909, Op. Cit.*, p. 21 e *Lista de sócios em 10 de Novembro de 1925*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, s.d., p. 25.

²⁴ *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 27ª, nº 12 (Dezembro de 1909), pp. 461-462 («Bibliografia»).



1910 a 1950, embora para ele contribuam, conforme vimos, sócios da instituição como Jordão de Freitas e António Baião ⁽²⁵⁾.

Porém, seria injusto esquecer que a SGL se tem destacado como uma das instituições que, nos anos mais recentes, seja através de comunicações ou palestras (no âmbito da Comissão de Estudos Côrte-Real²⁶), seja através da publicação de um artigo no *Boletim* ou de texto evocativo do quadro já mencionado no volume *Tesouros Artísticos da Sociedade de Geografia de Lisboa* ⁽²⁷⁾, mais tem lutado contra o esquecimento da importância do significado da obra do Visconde de Santarém. Tanto no início do século XX (em 1903-1909) quanto no princípio do século XXI (sobretudo em 2001-2003), a Sociedade de Geografia de Lisboa mantém vivo o interesse pelos trabalhos desta figura e retoma uma tradição de estudos geográficos e cartográficos muito antiga em Portugal.

Não nos devemos, pois, esquecer que sem instituições não há memória, nem ciência, nem cultura. Merece, pois, a SGL a estima, a consideração e o respeito de todos os que se interessam pela vida e obra do 2º Visconde de Santarém e parece-me ser, em conclusão, essa a principal mensagem que aqui quero deixar.

²⁵ Vejam-se sobretudo as publicações de António Baião de 1909 e 1910 (quando era director da Torre do Tombo) dedicadas à acção do Visconde de Santarém enquanto guarda-mor desse mesmo arquivo nacional; e de Jordão de Freitas de 1909, 1910, 1913 e 1914 (quando exercia funções de bibliotecário da Biblioteca da Ajuda): textos dedicados a questões biográficas e familiares e organização das colecções de *Opúsculos e Esparsos* e de *Inéditos*. Muitos desses textos foram publicados a expensas do 3º Visconde de Santarém.

²⁶ Sob as sucessivas presidências do 4º Visconde de Santarém, da Mestre Patrícia Moreno e do Professor Doutor José Manuel Ferreira Coelho, proferi comunicações à Comissão nos anos de 2002, 2003 e 2014 (incluindo a actual). Esses textos foram editados num dos números do *Boletim* (o primeiro) e colocados on-line no site da SGL, na página da Comissão de Estudos Côrte-Real (os dois restantes). Estão todos disponíveis para consulta e download na minha página pessoal no site www.academia.edu.

²⁷ Daniel Estudante Protásio, “O 2º Visconde de Santarém e a Questão do Corsário General Armstrong”, *Boletim da Sociedade de Geografia*, Série 122ª, n.ºs 1-12, Lisboa, Janeiro-Dezembro de 2004, pp. 71-88 e Idem, «O 2º Visconde de Santarém e a Sociedade de Geografia de Lisboa», in Luís Aires-Barros (coord.), *Tesouros Artísticos da Sociedade de Geografia de Lisboa*, SGL/Edições Inapa, 2001, pp. 67-69. Todos estes textos estão disponíveis para consulta e download na minha página pessoal no site [academia.edu](http://www.academia.edu).

Fontes e bibliografia

Luís **Aires-Barros**, «D. Luís, o fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa (1839-1899)», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 129^a, n^{os} 1-12, Janeiro-Dezembro de 2011, pp. 15-17.

_____, «Almirante Ernesto de Vasconcelos (1852-1930): marinheiro, geógrafo, diplomata e secretário perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 130^a, n^{os} 1-12, Janeiro-Dezembro de 2012, pp. 9-23. | 71

Vicente Maria de Moura Coutinho Almeida d'**Eça**, *Algumas cartas inéditas do Visconde de Santarém*, Lisboa, Tipografia Universal, 1906, 123 pp.

_____, *A obra científica do Visconde de Santarém*, Lisboa, Tipografia Universal, 1907, 24 pp.

_____, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 27^a, n^o 12 (Dezembro de 1909), pp. 461-462 («Bibliografia»).

Martinho Augusto Ferreira da **Fonseca**, *O Atlas do Visconde de Santarém. Breves notas para a sua vida*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1903, 27 pp.

_____, *Visconde de Santarém. Apontamentos para a sua biografia*, Tipografia do Anuário Comercial, 1907, 22 pp.

_____, *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico Português de Inocêncio Francisco da Silva por...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1972 (reedição fac-similada da edição de 1927), 377 + 1 pp.

João Carlos **Garcia** (coord.), «Mapas e Atlas do Visconde de Santarém. A prioridade no descobrimento da África Ocidental», *O 2^o Visconde de Santarém e a História da Cartografia*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2006, 108 pp.

José Manuel **Garcia**, «Da invenção da palavra cartografia ao CD-ROM dos Tesouros de Cartografia da Sociedade de Geografia de Lisboa», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 121^a, n^{os} 1-12, Janeiro-Dezembro de 2003, pp. 127-135.

Francisco Roque de **Oliveira** (coord.), «Dois séculos de história da cartografia em Portugal», *Leitores de mapas. Dois séculos de história da cartografia em Portugal*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Geográficos/Universidade de Lisboa e Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, 2012, pp. 11-24.

Daniel Estudante **Protásio**, «O 2^o Visconde de Santarém e a tradição documental portuguesa (1817-1846)», em Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João (org.), *Historiografia e Memória (séculos XIX-XXI)*, Lisboa, Centro de História/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/Universidade Aberta, 2012, pp. 251-262.



_____, *Pensamento histórico e acção política do 2º Visconde de Santarém (1809-1855)*, Lisboa, Bubok Editorial, Março de 2014, 336 páginas (ISBN Digital 978-84-686-4921-4).

_____, «Francisco Adolfo de Varnhagen e algumas linhas de força da historiografia portuguesa da sua época (1839-1841)», *História da Historiografia*, nº 14, Ouro Preto (Brasil), Maio de 2014, pp. 27-43, disponível in <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/669>.

Ernesto de **Vasconcelos**, *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904), catálogo sob a direcção de...*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1904, XXXIII + 279 pp.

Lista de sócios em 31 de Dezembro de 1909, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1910, 51 pp.

Lista de sócios em 10 de Novembro de 1925, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, s.d., 109 pp.

A sessão solene de 14 de Janeiro de 1907. Salvador Correia e Visconde de Santarém, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1907, 58 pp.